



CONJUNTURA

Quem perde mais com a recessão?

A economia brasileira é, historicamente, caracterizada por altas instabilidades e pela desigualdade. A pergunta geral endereçada aqui é como os freqüentes choques agregados impactam os vários segmentos de nossa heterogênea sociedade. A construção de 20 anos de séries mensais pelo Centro de Políticas Sociais/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE (Pesquisa Mensal do Emprego) permite-nos explicitar vencedores e perdedores das mudanças observadas. Em particular, buscamos identificar a elasticidade-desemprego de algumas variáveis distributivas de interesse. Cabe lembrar que a elasticidade mede a variação percentual entre duas variáveis de interesse. As variáveis de distributivas são desigualdade e média da renda do trabalho total e de grupos de interesse como escolaridade, idade, posição no domicílio. Centramos a análise na população em idade ativa (incluindo aqueles com renda nula). No caso dos cortes por posição na ocupação e por setor de atividade utilizamos os ocupados. O desemprego capta os efeitos do nível de atividade sobre a desigualdade (Gini) e o nível dos rendimentos. As respectivas elasticidades correspondem a 0,025 e -0,42, ou seja, desemprego é ruim para a distribuição como para o tamanho do bolo. Vejamos agora as elasticidades-desemprego da renda de grupos selecionados: 1) -0,45 para analfabetos e -0,42 para universitários. 2) -0,56 para a faixa etária entre 15 e 25 anos e -0,49, para os que têm mais de 60 anos. 3) A renda dos filhos (-0,52) é mais elástica do que a dos chefes (-0,44) e cônjuges (-0,43). 4) salários da indústria (-0,25) são menos elásticos do que os da construção (-0,51) e dos serviços (-0,37). 5) De forma semelhante, a renda de empregados formais (-0,24) é menos elástica que a de empregados informais (-0,42) e dos autônomos (-0,62). Em suma, o desaquecimento da economia parece afetar mais os menos qualificados.